



Volume 26 – Número 51 – jun./2025  
ISSN 2526-4303

# DISCIPULADO CRISTÃO NO BRASIL: REVISÃO DAS PRINCIPAIS INFLUÊNCIAS TEOLÓGICAS NAS PRÁTICAS CONTEMPORÂNEAS

## CHRISTIAN DISCIPLESHIP IN BRAZIL: REVIEW OF THE MAIN THEOLOGICAL INFLUENCES IN CONTEMPORARY PRACTICES

Me. Hilquias Benício da Silva  
Dr. Jaziel Guerreiro Martins



A Revista Via Teológica está licenciada com uma Licença Creative Commons  
Atribuição – Não Comercial – Sem Derivações - 4.0 Internacional

# DISCIPULADO CRISTÃO NO BRASIL: REVISÃO DAS PRINCIPAIS INFLUÊNCIAS TEOLÓGICAS NAS PRÁTICAS CONTEMPORÂNEAS

## CHRISTIAN DISCIPLESHIP IN BRAZIL: REVIEW OF THE MAIN THEOLOGICAL INFLUENCES IN CONTEMPORARY PRACTICES

Me. Hilquias Benício da Silva<sup>1</sup>

Dr. Jaziel Guerreiro Martins<sup>2</sup>

---

1 Doutorando em Ministério (LBC), Mestre em Teologia (FABAPAR). É professor na Faculdade Cidade Teológica Pentecostal (FCPT). Plataforma Lattes: <http://lattes.cnpq.br/0553452479104395>. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-1669-8541>. E-mail: [hilquias.benicio@fcidadeteologica.edu.br](mailto:hilquias.benicio@fcidadeteologica.edu.br)

2 Doutor em Ciências da Religião (UMESP), Mestre em Teologia (University of Birmingham, Inglaterra), Bacharel em Teologia (FABAPAR). Plataforma Lattes: <http://lattes.cnpq.br/5695116464099843>. ORCID: <http://lattes.cnpq.br/5695116464099843>. E-mail: [jaziel@fabapar.com.br](mailto:jaziel@fabapar.com.br)

## RESUMO

Este artigo explora a diversidade de abordagens teológicas no discipulado cristão que têm guiado a reflexão e a prática contemporâneas no Brasil nas últimas décadas. Por meio de uma revisão bibliográfica, investiga-se as perspectivas de teólogos como Bonhoeffer, Barth, Coleman, Moore, Comiskey e Dever. Os achados sugerem a complementariedade dessa pluralidade e ressaltam o aspecto multifacetado do discipulado. Esta análise é corroborada pela complementariedade encontrada nas distintas perspectivas do discipulado apresentadas pelos escritores do Novo Testamento. Verifica-se que o discipulado lida tanto com a dimensão de seguir Jesus quanto a de fazer discípulos, porém no Brasil faz-se necessário expandir a prática do discipulado para que abranja todas as fases de desenvolvimento da jornada cristã. Este estudo destaca a importância de integrar diversas influências teológicas nas práticas contemporâneas de discipulado, proporcionando uma visão mais completa e enriquecedora para a formação cristã.

### PALAVRAS-CHAVE

Discipulado. Formação cristã. Seguir Jesus. Fazer discípulos.

## ABSTRACT

This article explores the diversity of theological approaches to Christian discipleship that have guided contemporary reflection and practice in Brazil over the past few decades. Through a bibliographic review, it investigates the perspectives of theologians such as Dietrich Bonhoeffer, Karl Barth, Robert Coleman, Waylon Moore, Joel Comiskey, and Mark Dever. The findings suggest the complementarity of this plurality and underline the multifaceted aspect of discipleship. This analysis is corroborated by the complementarity found in the distinct perspectives on discipleship presented by the New Testament writers. It is observed that discipleship deals both with the dimension of following Jesus and making disciples; however, in Brazil, it is necessary to expand the practice of discipleship to encompass all phases of the Christian journey. This study highlights the importance of integrating diverse theological influences into contemporary discipleship practices, providing a more complete and enriching vision for Christian formation.

### KEYWORDS

Discipleship. Christian formation. Following Jesus. Making Disciples.

## INTRODUÇÃO

Nas décadas recentes o tema “discipulado” tem encontrado uma enorme atenção tanto na reflexão teológica, quanto na publicação de literaturas e na prática eclesial. Essa ênfase é observada nas diversas tradições e expressões do cristianismo, as quais têm buscado refletir sobre o seguir Cristo e o fazer discípulos. A World Evangelical Alliance (WEA), por exemplo, em sua Assembleia Geral de 2019 lançou a “Década de Fazer Discípulos”, convocando as igrejas em todo o mundo para um compromisso renovado na formação de discípulos – abrangendo o seguimento pessoal, a vida comunitária e a evangelização.

Outro exemplo da relevância do discipulado evidencia-se no contexto católico-romano em 2007 no Documento de Aparecida resultante da V Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano e do Caribe, cujo tema foi “Discípulos e Missionários de Jesus Cristo, para que nele os povos tenham vida”. O encontro teve na presidência da Comissão de Redação o Cardeal Bergoglio, atualmente Papa Francisco (Brighenti, 2007, p. 9-35; Celan, 2007), o qual, conforme observa Carvalho, posteriormente na *Evangelii Gaudium* (2013), retoma o tema e edita-o: “Cada cristão é missionário na medida em que se encontrou com o amor de Deus em Cristo Jesus; não digamos mais que somos “discípulos” e “missionários”, mas sempre que somos “discípulos missionários” (Carvalho, 2019, p. 91).

Esse movimento em direção ao discipulado também pode ser verificado no contexto assembleiano brasileiro, a maior confissão de fé cristã não católica no país. A Convenção Geral dos Ministros das Igrejas Evangélicas Assembleia de Deus (CGADB)<sup>3</sup>, por meio da Comissão de Estratégias de Evangelismo e Discipulado, em 2015, promoveu o primeiro Fórum Nacional de Discipulado, cujo objetivo foi apresentar uma proposta de discipulado para as Assembleias de Deus<sup>4</sup>. O discipulado também foi pautado na 46ª Assembleia Geral Ordinária da CGADB, realizada em 2023, na qual submeteu ao plenário, um “pacto nacional de evangelização e discipulado” e o “estabelecimento de década de evangelização e discipulado”<sup>5</sup>.

Como demonstrado, o discipulado tem recebido enfoque em diferentes âmbitos geográficos – Brasil, América Latina e no mundo todo – e em distintas tradições cristãs – catolicismo, protestantismo e pentecostalismo. Essa tônica forte e recorrente do tema parece um indicativo de que o discipulado perdeu força diante do processo crescente de industrialização e mercantilização da fé. Em outras palavras, o realce recebido denuncia uma deficiência na prática discipuladora das diversas igrejas.

Observa-se que diversas organizações eclesiásticas e paraeclesiásticas admitem a essencialidade do discipulado; por outro lado, percebe-se que as suas reflexões, valorações e propostas têm encontrado dificuldade em se traduzir em ações práticas na realidade cotidiana e eclesial. Isso faz lembrar as palavras conclusivas de Bonhoeffer: “[...] não se trata de falar da prática como um ideal, mas de realmente começar a praticá-la” (BONHOEFFER, 2016, p. 168). O teólogo alemão enfatiza a vocação prática do discipulado e critica qualquer tentativa de se escapar do chamado ao discipulado por meio de interpretações, justificativas e aplicações que substituem o fazer e o obedecer: o fazer e o obedecer são próprios do seguir Jesus.

<sup>3</sup> Além da CGADB, fundada em 1929, há outras convenções nacionais relevantes, como a Convenção Nacional das Assembleias de Deus Madureira (CONAMAD), criada em 1958, e a Convenção Geral das Assembleias de Deus no Brasil (Cadb), que teve sua origem em 2017. Além dessas convenções, há ADs que são independentes.

<sup>4</sup> CPADNEWS. 3º Congresso Discipulado para o Brasil, 2015. [S. l.]. Disponível em: <http://www.cpadnews.com.br/assembleia-de-deus/30000/3o-congresso-discipulado-para-o-brasil.html>. Acesso em: 29 maio 2021.

<sup>5</sup> CGADB. Edital de Convocação 46a AGO. Rio de Janeiro: [s. n.], 2022. Disponível em: <https://cgadb.org.br/wp-content/uploads/2022/06/EDITAL-46a-AGO-DA-CGADB.pdf>. Acesso em: 17 jun. 2022.

Assim, o objetivo deste artigo é apresentar as abordagens teológicas do discipulado que mais tem influenciado a teologia e a prática de discipulado no Brasil. Busca-se uma compreensão do que seja discipulado por meio das percepções de teólogos, nas quais percebe-se um movimento pendular: ora predominando o seguir a Cristo, ora prevalecendo o ajudar alguém a seguir a Cristo, isto é, discipulado da perspectiva, respectivamente, do ser discípulo e do fazer discípulos.

Além disso, procura-se responder, nessa pesquisa, à seguinte questão sobre quais seriam as principais abordagens teológicas do discipulado cristão, principalmente, a partir de Dietrich Bonhoeffer e Karl Barth, que enfatizam o discipulado na perspectiva do seguir a Cristo; de Robert Coleman, Waylon Moore e Keith Phillips, por uma apresentarem uma abordagem de discipulado que influenciou contexto eclesiástico brasileiro, com uma perspectiva de fazer discípulos; e de Joel Comiskey e Mark Dever, com abordagens distintas e mais recentes, porém na mesma perspectiva de discipulado em como fazer discípulos. A escolha desses autores é motivada pela influência de seus escritos sobre o discipulado no contexto brasileiro.

Por meio das contribuições de Bonhoeffer, Barth, Coleman, Moore, Phillips, Comiskey e Dever busca-se compreender a diversidade de percepções teológicas do discipulado cristão. Tanto as interseções, quanto as diferenças entre eles se referem, em geral, à ênfase e às motivações sobre determinados aspectos do discipulado, não consistindo necessariamente em incongruências.

É notável que os escritores neotestamentários também apresentaram distintas abordagens do discipulado. Embora a palavra “discípulo” não seja encontrada além dos Evangelhos e de Atos em o Novo Testamento, essa ausência não significa a descontinuidade do discipulado. Houston observa que as epístolas ensinam “de diversas maneiras, o mesmo processo pelo qual nos tornamos discípulos, o de morrermos e ressuscitarmos em Cristo” (Houston, 2010, p. 145). Houston ajuda-nos a entender ao pontuar que “dado o radicalismo e a abrangência do discipulado cristão, nos Evangelhos, ele só poderia ser descrito pelas diversas testemunhas como multifacetado” (HOUSTON, 2010, p. 144). Isto é, os hagiógrafos estão em unidade quanto ao seguir a Cristo, ao mesmo tempo que os seus escritos abordam aspectos ou ênfases diferentes do discipulado. Mascilongo (2020) também apresenta a variedade de abordagem do discipulado nos diferentes autores e estilos literários do NT, lidando tanto com as ações presentes nas narrativas (Evangelhos e Atos) quanto com as reflexões doutrinárias e teológicas predominantes nas obras não narrativas (Epístolas e Apocalipse).

Portanto, os autores canônicos apresentam aspectos distintos do seguimento de Jesus, mas não são conflitantes, pelo contrário, complementam-se para uma visão mais abrangente do discipulado. É possível ver aspectos distintos no mesmo autor, como em Paulo, que, nas diferentes cartas, apresenta ênfases distintas sobre o seguir Jesus. Houston converge esses aspectos em Paulo na tão repetida expressão paulina “em Cristo”. E atesta o discipulado, em um contexto mais amplo, argumentando que “os autores do Novo Testamento nos exortam a nos tornarmos ‘como Cristo’ ou estarmos ‘em Cristo’” (HOUSTON, 2010, p. 144). Dessa forma, observa-se que os autores do NT embora apresentem ênfases distintas quanto ao discipulado cristão, tais ênfases se complementam para uma compreensão mais abrangente do discipulado.

## 1. DISCIPULADO: DIVERSIDADE DE ABORDAGENS TEOLÓGICAS

Qualquer líder religioso ou igreja que pretenda implementar uma cultura de discipulado intencional precisa primeiramente fazer a pergunta básica: o que é discipulado? Compreende-se a essencialidade dessa pergunta e de sua resposta quando se considera que todo o realce e o movimento em direção ao discipulado tão notórios nas últimas décadas não encontram convergência simples, pois tem havido divergências na compreensão ou na ênfase de diferentes aspectos do discipulado. Essas divergências impactam diretamente no método, gerando uma diversidade de modelos de discipulado.

Ao lidar com uma questão tão fundamental à fé cristã, talvez fosse de se esperar uma concordância sobre o que é discipulado, mas não é o que se encontra na literatura e na prática cristã. Carvalho (2019, p. 92) destaca que há dificuldade de se conceituar o discipulado, pois uma das encruzilhadas com que o estudioso logo se depara é a quantidade de possíveis acepções da palavra<sup>6</sup>.

A dificuldade já surge com a ausência do substantivo “discipulado” (*akalouthesis*) em o Novo Testamento<sup>7</sup>, pois o que lá se encontra é “o verbo ‘seguir’ (*akolouthein*) ou ‘siga-me’ (*opiso mou erchesthai*)” (BARTH, 2006, p. 15), o que pode sugerir a preferência de alguns pela substantivação do verbo “seguir”, privilegiando, assim, o uso do termo “seguimento”. No contexto do judaísmo pós-exílico, segundo Blendigger, “seguir” assume significado especial entre os rabinos e refere-se ao ato de o aluno andar e aprender com o rabino e se subordinar e servir a ele, visando ao conhecimento e à prática da Torá (BLENDIGGER, 2000, p. 579). Nessa concepção judaica pós-exílica, o discipulado comprehende relacionamento, conduta, aprendizado, submissão e serviço.

A presença verbal do termo discipular e a ausência do substantivo em o NT podem ser um aviso de que se trata de “[...] um evento que não pode ser incluído em um conceito geral” (BARTH, 2006, p. 15). Infere-se que o chamado ao discipulado não consiste simplesmente em um mundo conceitual de ideias e palavras, mas um chamado a mover-se. Um movimento pessoal e particular com Deus que rompe todas as outras alianças e compromissos, ligando-se a ele, engajando-se em sua obra que conduz à imitação de Deus, à participação de sua santidade e a seguir as qualidades e os atos de Deus, como uma irrupção do Reino de Deus (BARTH, 2006, p. 15).

Isso exposto, tratar-se-á, a seguir, de diferentes lentes, com abordagens ou ênfases divergentes, que fundamentam a compreensão teológica do discipulado. Já adiantamos que elas, de algum modo, denunciam as influências culturais, teológicas e de experiências ministeriais de seus proponentes.

## II SEGUIR JESUS: ÊNFASE CRISTOLÓGICA

No livro *Chamado ao discipulado*, Barth elogia a obra *Discipulado* de Dietrich Bonhoeffer (BARTH, 2006, p. 12). Ambos os autores, os quais foram contemporâneos, compartilham que “o discipulado é compromisso direto com Jesus Cristo, somente.” (BONHOEFFER, 2016, p. 22). Para o pastor e teólogo alemão, “quando as Escrituras Sagradas tratam do discipulado de Jesus, proclamam a libertação do ser humano de todos os preceitos humanos, de tudo que o opõe, de tudo que o sobrecarrega, de tudo que lhe suscita preocupação e dor na consciência” (BONHOEFFER, 2016, p. 96), ou seja, é rompimento, liberdade, sofrimento, salvação e alegria.

Essas duas referências europeias propõem que a salvação e o discipulado são inseparáveis. Bonhoeffer considera “o discipulado de Jesus Cristo nada mais que a vida fundamentada na graça, e a graça, nada mais

6 Carvalho chama a atenção para o uso na língua inglesa de várias palavras relacionadas (discipleship, discipling, making disciples e disciple-making), que assumem sentido distinto e que, a depender do autor, também podem ter significado diferente atribuído. O autor sugere assim que há dificuldade terminológica na língua portuguesa, argumentando que termos com significados diferentes têm sido traduzidos por “discipulado”. De acordo com Madureira, essa homônima também não ocorre no alemão, já que “existem duas palavras para designar o que, em português, chamamos de discipulado: nachfolge (palavra cunhada por Lutero para designar exclusivamente o ato de seguir Jesus) e jüngerschaft (palavra que designa o ato de ajudar pessoas a seguirem Jesus)”. MADUREIRA, 2019, p. 40.

7 Vale ressaltar que “a palavra grega traduzida como ‘discípulo’, mathetés, é usada 269 vezes nos Evangelhos e em Atos” (MOORE, 1995, p. 21). Já segundo Muller, o substantivo mathetés (aprendiz, aluno, discípulo) ocorre 264 vezes, enquanto o verbo manthanō (aprender) ocorre 25 vezes no NT (MULLER, 2000, p.583). O Dicionário de Teologia do Novo Testamento, ao definir o vocábulo “discípulo” (substantivo), define juntamente os verbos “seguir” e “imitar” e o advérbio “após” como “as palavras [no NT] que se vinculam com o discipulado” e que “se aplicam mormente aos seguidores de Jesus e descrevem a vida da fé” (BROWN, C.; COENEN, L. (org.), 2000, p. 578).

que o discipulado” (BONHOEFFER, 2016, p. 29), e, para Barth, igualmente, seguir Jesus é o mesmo que crer em Cristo (BARTH, 2006, p. 22). Pode-se concluir que Bonhoeffer e Barth compreendem o discipulado como uma iniciativa divina que se manifesta em um chamado dirigido de modo particular a alguém, ao qual cabe responder, com fé obediente, ao convite imperativo ou ao comando “segue-me”, de maneira a participar de um relacionamento de graça com Jesus, que envolve morte em Cristo para viver a vida em e com Cristo.

Um outro autor europeu, Houston, contribuiu com uma dimensão pneumatológica do discipulado ao afirmar que as “vidas mentoreadas” ou discipuladas referem-se “sobretudo à promessa [o outro Consolador] feita por Jesus”, o Espírito da verdade “traz cada ‘pessoa’ para um relacionamento com o ‘outro’, colocando-a em comunhão, ajudando, guiando e mentoreando (HOUSTON, 2010, p. 195). Ele alerta contra os antimodelos de mentoria<sup>8</sup> que enfatizam o indivíduo e os contrapõe argumentando que “o discipulado cristão é requisito para que sejamos pessoas” (HOUSTON, 2010, p. 142).

Ao longo do livro, nota-se que Houston comprehende que o acesso ao discipulado pode acontecer por meio dos escritos deixados por nomes como Agostinho de Hipona, Soren Kierkegaard, Jonathan Edwards, entre outros. Embora, em uma primeira impressão, o discipulado mediado por escritos, pareça contraditória à tese defendida no livro, de personalização do ser humano e sua abertura à relação com o outro, Houston admite que “estamos dando de nós mesmos quando nos entregamos ao outro em nossas cartas” e, quando se fala do texto canônico, ele fala de uma leitura na qual haja uma “personalização do texto” e da qual “a Bíblia nos falará ‘pessoalmente’” (HOUSTON, 2010, p. 149). Logo, defende Houston, é possível uma relação pessoal mediada pelo ato comunicativo da linguagem escrita. Em síntese, sua visão de discipulado está bem próxima de Bonhoeffer e Barth.

Toda reflexão teológica não se faz no vácuo, mas dialoga com seu contexto cultural, com influências transitando em ambas as direções. Os teólogos europeus referidos anteriormente refletiram e escreveram sobre discipulado no Velho Mundo. Bonhoeffer, o jovem pastor luterano o fez em um contexto de ascensão do nazismo, um Estado totalitário no qual, conforme observa Ferreira, “há pouca ou nenhuma liberdade individual e econômica. O Estado ou o partido adquire uma dimensão transcendente, agindo para estender seu domínio ideológico sobre todas as esferas da sociedade” (FERREIRA, 2016, p. 91), exigindo lealdade suprema, submetendo ao seu domínio, inclusive, a religião. Assim, fica evidente o contraponto teológico da autoridade soberana e exclusiva de Jesus ser ressaltada, por Bonhoeffer e Barth, no seguimento de Cristo, ao entender e propor o discipulado cristão não mediado por outrem, mas em uma relação direta entre o discípulo e Jesus.

## I.2 FAZER DISCÍPULOS: MOTIVAÇÃO POIMÉNICA E MISSIOLÓGICA

No continente asiático, Chan afirma, de modo simples e objetivo, que o discipulado é “a peregrinação de seguir Jesus”. Em outras palavras, é o radical “domínio absoluto de Cristo em todas as áreas da vida do discípulo”. Discipulado, para Chan, é paixão (e não simplesmente uma tarefa), rendição (e não apenas aprendizagem) e reprodução multiplicadora (CHAN, 2021, p. 39-41). Em outras palavras, o discipulado é definido em termos de uma ligação afetiva fervorosa, com entrega total e vida frutífera. É o aspecto da multiplicação o principal realce que o distingue de Bonhoeffer e Barth.

8 Os antimodelos de mentoria, segundo Houston, seriam formados sob as influências da filosofia grega e da psicanálise, que tratam o ser humano como uma substância individual, despersonalizando-o. Houston os apresenta em três paradigmas: um mito heroico do mentor, o mentor moral e o mentor psicoterápico. Segundo o autor, a falha desses sistemas é não considerar a antropologia em sua dimensão teológica, reduzindo o ser a um indivíduo e perdendo o caráter relacional que é essencial para ser pessoa. O autor faz um paralelo dos paradigmas acima com o que Kierkegaard chama de estético, moral e religioso.

Na América, de igual modo, depara-se com outros entendimentos quanto ao discipulado. Alguns nomes de influência são Dawson Trotman, o fundador de *The Navigators*, uma organização paraeclesiástica com foco em discipulado (DEVER, 2016, p. 51-52); e, Robert Coleman, Waylon Moore, Keith Phillips, os quais, por meio de seus escritos, tiveram influência sobre a prática do discipulado no Brasil (CARVALHO, 2019; PHILLIPS, 2008). Esses autores compartilham de um movimento de discipulado que nasce da crise das conversões que não se firmam na caminhada, portanto surgem em um contexto de fervor evangelístico e de falha na integração e na consolidação, ou seja, no crescimento espiritual.

Mais recentemente, é percebido outro movimento, esse já com foco em crescimento de igreja e tendo Joel Comiskey e Ralph Neighbour (ARAÚJO, 2019, p. 287-306). Esses exerceram considerável influência no contexto brasileiro, em especial, no modelo eclesial celular. Outra visão de discipulado é a de Mark Dever, fundador do ministério 9Marks, que objetiva ajudar igrejas a serem bíblicas e saudáveis. A preocupação com o discipulado é uma dessas marcas, considerando-o sob uma ênfase de crescimento espiritual com uma perspectiva de futuro e da responsabilidade com as futuras gerações (DEVER, 2009; DEVER, 2016). Essas duas abordagens americanas serão abordadas nas subseções seguintes.

O discipulado, para Coleman, é a estratégia evangelística do plano de Jesus, na qual as pessoas são o método para ganhar o mundo para Deus. Essas pessoas são discípulas. E o que é ser discípulo? É estar associado a Cristo por meio de um compromisso exclusivo e uma rendição completa ao senhorio dele (COLEMAN, 2006, p. 17,46). O discipulado, aos olhos de Coleman, tem uma ênfase em testemunhar a fé, e isso fica evidente no próprio título do livro: *Plano Mestre de Evangelismo*. Convém compreender que esse testemunho, segundo Coleman, envolve o acompanhamento do novo convertido até a maturidade reprodutiva.

O novo convertido, argumenta Moore ladeado de Coleman e Phillips<sup>9</sup>, é diferente de discípulo. É por meio do seguimento que o novo convertido se torna um discípulo de Jesus. E seguimento significa, em sua visão, o acompanhamento dos novos convertidos para o estabelecimento na fé; em outras palavras, é uma fase inicial do discipulado (PHILLIPS, 2008, p. 22). A leitura que o autor faz da prática da igreja é a de uma concentração de energia nas abordagens públicas do ministério de Jesus (pregar, ensinar, curar e realizar milagres) em detrimento do ministério estratégico privado de Jesus (discipulado). O discipulado é apresentado como um processo de crescimento que vai desde a consolidação dos novos convertidos até os “edificadores de multiplicação”. Quanto ao entendimento de que a igreja local é o melhor lugar para o discipulado e que discipular é o melhor método para preparar líderes, pode-se colocar Moore ao lado de Dever. O fazer discípulos, em Moore, tem, sobretudo, a ênfase missiológica: “quando a igreja exala discípulos, inala convertidos” (MOORE, 1995, p. 32).

Hanks Jr., ainda quando criança, converteu-se à fé cristã em um encontro com Billy Graham e, posteriormente, cooperou com o treinamento e o suporte na área do discipulado da Associação Billy Graham. Atualmente, ele tem se dedicado a contribuir com as igrejas da América Latina para a prática do discipulado e prefere usar a expressão “formação de discípulos”, ou ainda “fazedor de discípulos”, tanto pelo caráter mais relacional quanto pelo fato de que o discipulado muitas vezes, nas igrejas, tem-se referido à educação cristã tradicional. Para Hanks Jr. e Craig, a formação de discípulos refere-se ao processo de multiplicação espiritual através de um relacionamento pessoal e intencional de crescimento que abrange testemunhar, fazer discípulos e multiplicar espiritualmente (HANKS JR; CRAIG, 2020, p. 3). Verifica-se que o discipulado tem como foco, nessa visão, o desenvolvimento espiritual e, em consequência desta maturidade, a evangelização.

<sup>9</sup> É justo lembrar que Phillips condena distinguir entre ser salvo e ser discípulo, como se estes fossem níveis de maturidade, presumindo, equivocadamente, “que é aceitável ser salvo sem assumir compromisso com as exigências mais radicais de Jesus, como ‘tomar a sua cruz’ e segui-lo” (PHILLIPS, 2008, p. 22).

Dentro dessa perspectiva, pode-se dizer que fazer discípulos se configura como um chamado que abrange tanto a motivação poimênica, quanto a missiológica. A análise das diferentes abordagens, desde a visão fervorosa e multiplicadora de Chan até as estratégias evangelísticas de Coleman e a ênfase relacional de Hanks Jr., revela que o discipulado é um processo dinâmico e multifacetado. Ele não visa apenas a formação de indivíduos comprometidos com o senhorio de Cristo, mas também busca a multiplicação de discípulos que fazem discípulos. A prática do discipulado, portanto, emerge como uma resposta à necessidade de integração e consolidação dos novos convertidos, promovendo um crescimento espiritual que é tanto pessoal, quanto coletivo. Ao enfatizar a importância da igreja local como o ambiente ideal para o discipulado, autores como Moore e Dever destacam a responsabilidade da comunidade cristã em preparar líderes que possam perpetuar a missão de Cristo.

### I.3 FAZER DISCÍPULOS: ÉNFASE SOCIOLOGICA E COACHING

O Movimento de Crescimento de Igreja influenciou a missiologia protestante no último século com repercussões no presente século. Para Duarte (2016, p. 97-123), esse movimento é fruto das “[...] reflexões, das metodologias e da nova filosofia de análise de crescimento da igreja [...]” do missiólogo Donald McGavran e firmou-se como um esforço dos pesquisadores para integrar princípios teológicos com perspectivas das ciências sociais e comportamentais contemporâneas para o crescimento de igrejas. Buscar a expansão da igreja, a vida frutífera, a multiplicação, é bíblico, mas o questionamento que Duarte faz é que a análise do crescimento de igrejas parte das ciências sociais para as Escrituras (DUARTE, 2016, p. 103). Segundo essa crítica, o movimento não seria regido bíblicamente.

Peter Wagner, aluno de McGavran, defende-se das críticas ao movimento simplesmente dizendo que os acusadores usam do método filosófico para fazer teologia, enquanto eles, influenciados pela missiologia, fazem uso do método científico das ciências sociais (WAGNER, 1995, p. 40-41). O Movimento de Crescimento de Igrejas também influenciou uma nova compreensão e prática do discipulado. Comiskey (2008), Neighbour (2006) e Earley (2009), em suas abordagens eclesiásticas de modelo celular, crescimento de igreja e multiplicação de liderança, revelam traços claros da influência do Movimento de Crescimento de Igrejas.

Nas primeiras obras de Comiskey, o discipulado é trabalhado, sobretudo, como multiplicação de líderes de pequenos grupos que se multiplicam. A compreensão de discipulado de Comiskey é a de equipar pessoas em pequenos grupos para se tornarem líderes, e, assim, essa continuada multiplicação de líderes virá a atender à Grande Comissão<sup>10</sup>. Dessa maneira, discipulado é entendido como multiplicar lideranças multiplicadoras. Comiskey, como observa Clarice Ebert, é um defensor do *coaching* ministerial e:

[...] até enfatiza que a multiplicação não deve ser o fim em si mesmo, mas, sim, deve ser o resultado de discípulos fazendo outros discípulos. No entanto, as ferramentas do *coaching* dificilmente alcançam o trabalho de transformação de pessoas ao ponto de se tornarem discípulos comprometidos com o fazer discípulos (EBERT, 2019, p. 153-170).

10 A Grande Comissão é como se chama a última incumbência de Jesus aos seus discípulos após a sua ressurreição e antes da sua ascensão. Ela norteia a missão dos discípulos. A forma comumente utilizada é a de Mateus 28.16-20. Segundo Freitas A GRANDE COMISSÃO: PASSADO E PRESENTE. Revista Ensaios Teológicos, [s. l.], v. 1, n. 1, p. 98-111, 2015. Disponível em: <http://revista.batistapioneira.edu.br/index.php/ensaios/article/view/78>. Acesso em: 6 ago. 2022. p. 100, “a Grande Comissão é assim chamada com toda a razão, pois se aplica a toda a igreja. Inicialmente dada aos discípulos, esboça o caráter geral para toda a igreja em todas as épocas” e, pode-se acrescentar também, para alcançar discípulos de todas as nações.

Mas a ênfase de Comiskey não está apenas no crescimento da igreja e na colheita; o autor também contribui para pensar o discipulado em um pequeno grupo, tendo em vista que esta estrutura favorece relacionamentos e mutualidade entre os participantes, promovendo o desenvolvimento dos discípulos. Nessa visão de Comiskey, comprehende-se que a igreja celular é fundamental para o modelo ideal de discipulado. Por isso, sua proposta afeta a eclesiologia, influenciando, por sua vez, a prática e a organização eclesiástica. É uma resposta às dominantes propostas de discipulado individualista, o “um a um”, tão difundidas na cultura ocidental. Afinal, a plataforma de discipulado de Jesus, segundo indicam os textos dos Evangelhos, contrapõe-se ao individualismo, pois ela é predominantemente comunitária.

Outrossim, é importante pontuar o amadurecimento de Comiskey, que admite ter se concentrado muito na forma e na atividade, causando prejuízo na razão – o porquê – de ser uma igreja celular.

No passado, por exemplo, quando o meu foco principal estava no crescimento rápido de igreja através de células, meu treinamento e supervisão não edificaram um forte fundamento. [...] Entender que a estratégia celular diz respeito principalmente a fazer discípulos que fazem discípulos resgata o ministério celular de cair em técnicas superficiais e estatísticas exageradas, colocando o ministério celular dentro de um modelo bíblico de ministério (COMISKEY, 2014, p. 98, 107).

O autor, assim, reconhece ter sido mais pragmático do que bíblico e reorienta o modelo celular para o discipulado, de modo que o crescimento passa a ser consequência, e não mais o alvo principal de sua proposta eclesial. Verifica-se, portanto, um movimento em busca do fundamento bíblico do ser igreja, e não apenas ênfase nas técnicas e ferramentas que indicavam o destaque, nos primeiros escritos, na forma e nos resultados de uma igreja.

Comiskey tem exercido forte influência no Brasil, contudo é importante frisar que os livros com as mudanças do pensamento e metodologia de Comiskey só foram publicados no Brasil em 2017: esse hiato temporal faz com que igrejas e pastores brasileiros estejam começando a aprender um conceito metodológico que Joel Comiskey já abandonou (ARAÚJO, 2019). Por outro lado, segundo Ebert, essa mudança paradigmática em Comiskey precisa avançar, pois a correção e ajuste no “porquê” não é suficiente, fazem-se necessários também ajustes tanto no “como” quanto no “o quê” para alinhamento do crescimento da igreja com as Escrituras (EBERT, 2019, p. 166).

## I.4 FAZER DISCÍPULOS: VISÃO ECLESIOLÓGICA E ESCATOLÓGICA

Outra abordagem de discipulado sobre a perspectiva do fazer discípulos é encontrada em Dever, o qual defende que a vida cristã discipulada acontece na igreja local por meio do ministério de ensino, das ordenanças e dos líderes eclesiásticos. Ser cristão é ser discípulo, um posicionamento divergente de Moore, Coleman e Phillips, que distinguem convertidos e discípulos.

Dever (2016, p. 16) afirma peremptoriamente que ser cristão significa ser discípulo, e que não há cristãos que não sejam discípulos, ou seja, em sua concepção, ser cristão é ter a fé autêntica em Cristo e segui-lo. É até comprensível o esforço de alguns para distinguir um convertido de um discípulo diante do fato de que a confissão verbal, geralmente, tem sido admitida como conversão, tese essa que não é sustentável bíblicamente.

Discipular é, para Dever, “a única maneira pela qual posso evangelizar não cristãos e preparar cristãos numa dimensão temporal na qual jamais poderei estar presente: o futuro além da minha vida” (DEVER, 2016, p. 34). Assim, a multiplicação de líderes efetuada por relacionamentos intencionais também é um

compromisso com as futuras gerações, pois “não estamos mentoreando apenas a próxima geração; estamos tentando alcançar todas as gerações futuras” (DEVER, 2016, p. 75), ou seja, uma missiologia com orientação escatológica. Discipula-se agora para, em mutualidade, preparar-se para a glória. Discipula-se para poder apresentar-se no Último Dia, quando, então, “seremos semelhantes a ele [Jesus]” (IJo 3.2).

Dever apresenta um chamamento claro e bem prático para que os cristãos adotem um papel mais ativo no desenvolvimento espiritual mútuo, enfatizando que o discipulado não é uma opção, mas uma parte essencial da vida cristã. Discipulado vai muito além de aulas de catecumenato ou palestras dadas aos recém-batizados; é algo muito mais pessoal, um estilo de vida e uma maneira de viver com outras pessoas que possui o desígnio de ajudá-las a seguirem Jesus.

O discipulado, sob essa perspectiva eclesiológica e escatológica de Dever (2016), transcende a mera transmissão de conhecimento ou a simples adesão a práticas religiosas. Ele se configura como um compromisso profundo e contínuo com a formação de pessoas que não apenas seguem a Cristo, mas que também se tornam agentes de transformação em suas comunidades e além. A abordagem de Dever destaca a importância da igreja local como o ambiente ideal para o discipulado, enfatizando que ser cristão é, intrinsecamente, ser discípulo. A dimensão escatológica do discipulado, conforme apresentada por Dever, ressalta a responsabilidade dos cristãos em preparar as futuras gerações, não apenas para a continuidade da fé, mas para a participação plena na glória futura.

Por conseguinte, o discipulado é algo que exige muita sabedoria e intencionalidade no fazer discípulos, no crescer mútuo, no serviço aos santos e na ajuda cristã. Discipulado é ir cravando os ensinos e as marcas de Jesus na vida de outra pessoa, a fim de que esse outro atinja um patamar de estar inteiramente capaz de seguir o caminho do fazer discípulos. Para isso, é assaz importante saber descobrir pessoas na comunidade de fé que estejam dispostas e inteiramente preparadas a sacrificarem um determinado tempo da vida cotidiana a fim de ajudarem a outros; assim, os cristãos neófitos imitarão uma pessoa completamente madura na fé, com a possibilidade real de se tornarem tão maduras quanto o seu discipulador.

O discipulado, portanto, só é possível por meio de um relacionamento pessoal. Por conseguinte, não é de se surpreender que uma pessoa ou outra enfatize diferentes dimensões do seguir a Cristo em um momento ou outro de sua caminhada com Cristo e com os seus irmãos de fé.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Verifica-se, portanto, que as influências teológicas no discipulado cristão no Brasil foram sistematizadas em 4 abordagens principais: 1) Seguir Jesus: ênfase cristocêntrica; 2) fazer discípulos: ênfase poiêmica e missiológica; 3) Fazer discípulos: ênfase sociológica e coaching; e, 4) fazer discípulos: ênfase eclesiológica e escatológica.

Verificou-se que essas ênfases respondem a contextos culturais e históricos, afinal teologia não se faz no vácuo. Outrossim, inferiu-se que as diferenças não são incompatíveis, mas conjuntamente colaboram para se ter uma visão mais completa do discipulado. Apontou-se, inclusive, o caráter multifacetado do discipulado presente nos autores canônicos do Novo Testamento.

A experiência e observação do pesquisador no contexto eclesiástico brasileiro percebe que as influências teológicas sobre o entendimento e a prática do discipulado no Brasil residem principalmente em três perspectivas: 1) a primeira perspectiva é a do discipulado definido como uma relação direta entre o seguidor e Jesus, no qual prevalece o senhorio e o relacionamento com Deus; 2) uma segunda, resultante da detecção da não consolidação na fé da maioria das aceitações das ações evangelísticas, prevalecendo o

acompanhamento de novos convertidos para retenção e crescimento espiritual; e, 3) uma terceira, que vê o discipulado como uma ferramenta de crescimento de igrejas.

Biblicamente, seguir a Cristo abrange tanto o relacionamento com Deus (primeira perspectiva), quanto o relacionamento com o próximo. Se esse próximo é um novo convertido, deve-se ensiná-lo a obedecer a todas as coisas que Jesus ensinou (segunda perspectiva); se é um não cristão, o seguidor de Jesus deve manifestar amor testemunhando de Cristo (terceira perspectiva), ou seja, há o seguimento pessoal, a confirmação na fé e a evangelização. Afinal, isso está presente na *Imitatio Christi*, doutrina da imitação de Cristo, pela qual considera-se indissociável seguir Jesus (primeira perspectiva) e ajudar outros a seguir Jesus (segunda e terceira perspectivas), isto é, respectivamente, ser discípulo e fazer discípulos.

Em suma, já que no Brasil a prática teológica do discipulado continuado que perpassa todas as fases de desenvolvimento e maturidade cristã é uma compreensão que ainda precisa ser promovida, pois o entendimento comum é que ajudar o outro a seguir Jesus diz respeito a evangelização de não cristãos e/ou a consolidação de novos cristãos. Infere-se que a integração dos pontos fortes dessas diversas influências teológicas nas práticas contemporâneas de discipulado pode enriquecer significativamente a formação cristã no Brasil, proporcionando uma base mais sólida e abrangente para o crescimento espiritual contínuo dos discípulos.

## REFERÊNCIAS

- ARAÚJO, J. P. G. Discipulado: autarquia, anarquia, ditadura – uma análise. *Via Teológica*. [s. l.], v. 19, n. 37, p. 287–306, 2019. Disponível em: <http://periodicos.fabapar.com.br/index.php/vt/article/view/11>. Acesso em: 24 fev. 2021.
- BARTH, K. *Chamado ao discipulado*. Tradução de Moisés Carneiro Coelho. São Paulo: Fonte Editorial, 2006.
- BLENDIGGER, C. Discípulo. In: BROWN, C.; COENEN, L. (org.). *Dicionário Internacional de Teologia do Novo Testamento*. 2.ed. São Paulo: Vida Nova, 2000. v. 1.
- BONHOEFFER, D. *Discipulado*. São Paulo: Mundo Cristão, 2016.
- BRIGHENTI, A. Algumas coordenadas teológicas em torno ao discipulado e à missão na América Latina hoje. *Revista Encontros Teológicos*. [s. l.], n. 45, p. 9–35, 2007. Disponível em: <https://doi.org/10.46525/RET.V2I13.369>. Acesso em: 23 fev. 2021.
- BROWN, C.; COENEN, L. (org.). *Dicionário Internacional de Teologia do Novo Testamento*. Tradução de Gordon Chown. 2.ed. São Paulo: Vida Nova, 2000. v. 1
- CARVALHO, D. da C. Discipulado, Perspectivas e Dimensões: um Diálogo em Busca da Complementariedade Entre o Discipulado na Comunidade, no Pequeno Grupo e no Relacionamento Um a Um. *Via Teológica*. [s. l.], v. 20, n. 39, p. 89–120, 2019. Disponível em: <http://periodicos.fabapar.com.br/index.php/vt/article/view/116/195>. Acesso em: 22 fev. 2021.
- CELAM. DOCUMENTO DE APARECIDA – Texto concluído da V Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano e do Caribe. São Paulo e Brasília: Paulinas, Paulus e CNBB, 2007.
- CGADB. *Edital de Convocação 46ª AGO*. Rio de Janeiro: [s. n.], 2022. Disponível em: <https://cgadb.org.br/wp-content/uploads/2022/06/EDITAL-46a-AGO-DA-CGADB.pdf>. Acesso em: 17 jun. 2022.
- CHAN, E. *Um tipo certo: discipulado intencional que define o sucesso ministerial*. Tradução de Sarah Bentho. Curitiba: Betânia, 2021.

- COLEMAN, R. E. *O plano mestre de evangelismo*. 2.ed. São Paulo: Mundo Cristão, 2006.
- COMISKEY, J. *Haciendo Discípulos en la Iglesia del Siglo Ventiuno: cómo la iglesia basada en células moldea a los seguidores de Jesús*. [S. l.]: CCS Publishing, 2014.
- COMISKEY, J. *Multiplicando a liderança: preparando líderes para fazer a colheita*. Tradução: Hélio Ricardo Nichele. 2.ed. Curitiba: MIC, 2008.
- CPADNEWS. *3º Congresso Discipulado para o Brasil*. [S. l.], 2015. Disponível em: <http://www.cpadnews.com.br/assembleia-de-deus/30000/3º-congresso-discipulado-para-o-brasil.html>. Acesso em: 29 maio 2021.
- DEVER, M. *Discipulado: como ajudar outras pessoas a seguir Jesus*. Tradução: Rogério Portella; Rogério Portella. São Paulo: Vida Nova, 2016.
- DEVER, M.; ALEXANDER, P. *La Iglesia Deliberante: Una Iglesia Organizada, Dirigida y Sirviendo de Acuerdo a la Palabra*. [S. l.]: Publicaciones Faro de Gracia, 2009.
- DUARTE, J. de A. Os perigos do movimento de crescimento da igreja (MCI) para a revitalização de igrejas. *Fides Reformata*. [s. l.], v. XXI, n. 2, p. 97–123, 2016. Disponível em: <https://cpaj.mackenzie.br/wp-content/uploads/2020/01/5-Os-perigos-do-Movimento-de-Crescimento-da-Igreja-MCI-para-a-revitalização-de-igrejas-Jedeias-de-Almeida-Duarte.pdf>. Acesso em: 27 jun. 2021.
- EARLEY, D. *Transformando membros em líderes: como ajudar os membros de seu grupo pequeno a liderar novos grupos*. Tradução de Ingrid Neufeld de Lima. Curitiba: MIC, 2009.
- EBERT, C. A missão da igreja e a ideologia do sucesso. *Via Teológica*. [s. l.], v. 20, n. 40, p. 153–170, 2019. Disponível em: <http://periodicos.fabapar.com.br/index.php/vt/article/view/149>. Acesso em: 13 jun. 2021.
- FERREIRA, F. *Contra a idolatria do Estado: o papel do cristão na política*. São Paulo: Vida Nova, 2016.
- FREITAS, F. A grande comissão: passado e presente. In: *Revista Ensaios Teológicos*, [s. l.], v. 1, n. 1, p. 98–111, 2015. Disponível em: <http://revista.batistapioneira.edu.br/index.php/ensaios/article/view/78>. Acesso em: 6 ago. 2022.
- HANKS JR, B.; CRAIG, R. *Tornando-se um discipulador: desenvolve habilidades de crescimento espiritual e ajuda outros a fazer o mesmo (guia do professor)*. Tradução de Sophy Schartner Dyck. Ponta Grossa: Texto e Contexto, 2020.
- HOUSTON, J. M. *O discípulo: o aprendizado é uma longa caminhada com o verdadeiro mestre*. Tradução de Márcia Biato. Brasília: Palavra, 2010.
- MADUREIRA, J. *O custo do discipulado: a doutrina da imitação de Cristo*. São José dos Campos: Fiel, 2019.
- MASCILONGO, P. *O discipulado no Novo Testamento: reflexões bíblicas e espirituais*. Tradução de Anoar Jarbas Provenzi. São Paulo: Paulinas, 2020.
- MOORE, W. B. *Multiplicando discípulos: o método neotestamentário para o crescimento da igreja*. Tradução: Adiel Almeida de Oliveira. 4.ed. Rio de Janeiro: JUERP, 1995.
- MÜLLER, D. *Discípulo*. In: BROWN, C.; COENEN, L. (org.). *Dicionário Internacional de Teologia do Novo Testamento*. Tradução: Gordon Chown. 2.ed. São Paulo: Vida Nova, 2000. v. 1.
- NEIGHBOUR JR., R. W. *Manual do líder de célula*. Tradução: Lowell Bailey. 5.ed. Curitiba: MIC, 2006.
- PHILLIPS, K. W. *A formação de um discípulo*. Tradução: Elizabeth Gomes. 2.ed. São Paulo: Vida, 2008.
- WAGNER, P. *Estratégias para o crescimento da igreja: princípios bíblicos e métodos práticos para uma*

evangelização eficaz. Tradução de Luiz Sayão. 2.ed. São Paulo: SEPAL, 1995.

WEA. World Evangelical Alliance - Campaigns & Initiatives: Decade of Disciple Making [S. l.], 2015. Disponível em: <https://worldea.org/en/what-we-do/campaigns-initiatives/>. Acesso em: 28 maio 2021.